

**LITERATURA, FILOSOFIA E SEMÂNTICA: TRACEJADOS,
CAMINHOS E DESDOBRAMENTOS**

Daniela Jaqueline Tôrres Barreto (UFNT e UEMASUL)

danielajaqueline20@gmail.com

Andrea Martins Lameirão Mateus (UFNT)

andreamateus@uft.edu.br

Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (UFNT)

luizpeel@uft.edu.br

RESUMO

Este estudo busca traçar discussões sobre a filosofia da diferença, uma diferença por caminhos deleuzianos, bem como a literatura infantil pensada como corpo de sentidos, também traçaremos algumas linhas sobre a semântica com seus signos, significados, significantes, sentidos, e, falaremos sobre a história de “Beto, o carneiro”, de Ana Maria Machado, em uma tentativa de entrelaçar a literatura infantil, a filosofia da diferença e a semântica. Para tanto, contamos com autores como Deleuze e Guattari (1974; 1988; 2003), Schöpke (2004), Mateus e Oliveira (2020), Lanuti e Mantoan (2018), Machado (2006), Guiraud (1960), Oliveira e Martins (2014), entre outros que serão apresentados no decorrer deste estudo. A literatura é um encontro de signos, de significados, de sentidos, também um encontro de diferenciação, do imaginário, do imergir e submergir pelos encontros, agenciamentos e diferenciações que se entrelaçam no caminho do ler.

Palavras-chave:

Semântica. Literatura infantil. Filosofia da diferença.

ABSTRACT

This study seeks to trace discussions about the philosophy of difference, a difference in Deleuzian ways, as well as children’s literature thought of as the body of meanings, we will also draw some lines about semantics with its signs, meanings, signifiers, meanings, meanings, and we will talk about the history of “Beto, the ram”, by Ana Maria Machado, in an attempt to intertwine children’s literature, the philosophy of difference and semantics. For this, we have authors such as Deleuze and Guattari (1974; 1988; 2003), Schöpke (2004), Mateus and Oliveira (2020), Lanuti and Mantoan (2018), Machado (2006), Guiraud (1960), Oliveira and Martins (2014), among others that will be presented during this study. Literature is an encounter of signs, meanings, meanings, also an encounter of differentiation, of the imaginary, of immersing and submerging by encounters, agencies and differentiations that intertwine in the way of reading.

Keywords:

Semantics. Children’s literature. Philosophy of difference.

1. Introdução

“Cada um dos fracassos é uma obra-prima, um caule no rizoma” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 74)

Neste artigo, buscamos traçar alguns caminhos perpassando pela filosofia da diferença, uma diferença positiva, uma diferença por caminhos deleuzianos, tocando a literatura infantil, esse corpo de sentidos, que proporciona ao leitor um flunar entre o imaginário, o real, o mundo, o ser, e a diferença. Também pincelamos um pouco sobre a Semântica com seus signos, significados, significantes, sentidos, e, nos aventuramos na história de Beto, o carneiro de Ana Maria Machado, entrelaçando a literatura infantil, a filosofia da diferença e a semântica.

Dessa maneira, a literatura fortalece, motiva e movimenta para o imaginário pessoal, coletivo, para a comunicação, o encontro com os signos, com os sentidos em sua multiplicidade, para a diferença como processo, processo de diferenciação. Para tanto, contamos com autores como Deleuze e Guattari (1974; 1988; 2003), Schöpke (2004), Mateus e Oliveira (2020), Lanuti e Mantoan (2018), Machado (2006), Guiraud (1960), Oliveira e Martins (2014), entre outros que serão apresentados no decorrer deste estudo.

Quando a leitura dos livros de literatura, em específico de literatura infantil, se restringe apenas ao intuito de: estudos dirigidos, atividades propostas pelo/a professor/a, textos fragmentados dos livros didáticos para responder questões, dentre outras práticas engessadas. Percebemos que essas sequências de obrigações leitoras não contribuem significativamente para o criar, o aprender, o significar, o diferenciar. Desse modo, não estamos pregando o fim dessas atividades, ou que não deva ser feita atividades a partir de uma leitura, mas que, essas atividades sejam criativas, joguem com as palavras, experimentem o texto e as possibilidades significativas que ele proporciona, que os alunos/ leitores possam ser afetados pela leitura e atividade. Entendemos que o aprender ocorre pelo processo, pelo ato criativo, pelo novo, por meio da experimentação, da vivência, e do afeto.

A literatura, corpo de sentidos, suscita a arte, o estético, o significar, a ambiguidade, a polissemia, o outro, a enunciação coletiva, o coletivo. Portanto, o texto não é um amontoado de palavras, de frases, mas uma janela de possibilidades significativas, que são construídas pelo lei-

tor, pelo meio, pelo coletivo. Dando continuidade, apresentaremos a filosofia da diferença por um viés deleuziano.

2. Filosofia da diferença por um viés deleuziano

A diferença aqui abordada será uma diferença positiva seguindo o pensamento de Deleuze, uma diferença da multiplicidade, criadora, e não uma diferença da identidade, da essência, do estável. Assim,

[...] não existia ainda no 'céu filosófico' um conceito autêntico de *diferença* ou, mais especificamente, não havia sido ainda criado um conceito que desse conta da *diferença em si mesma*. A razão disso é que sempre se confundiu a criação de um conceito de *diferença* com a inscrição da *diferença* no conceito em geral. Dessa maneira, a *diferença* – já mediatizada – era sempre associada à negação e à contradição (que representam, para Deleuze, as formas menores e mais baixas da diferença). Era preciso inventar um conceito que libertasse a diferença das regras limitadoras da representação. E libertá-la da representação é libertá-la de sua subordinação à 'identidade', ao 'mesmo' e à 'semelhança'. É dar a ela 'voz' própria, ou seja, é assegurar à *diferença* uma ontologia sempre negada por uma imagem de pensamento ortodoxa. Dissemos 'ontologia' porque a *diferença pura* é a própria expressão do 'ser'. (SCHÖPKE, 2004, p. 143)

Quando tentamos classificar, mencionar o que pode e o que não pode ser pensado, quando buscamos enquadrar tudo o que está no mundo, na nossa realidade, dentro deste pressuposto do que é e do que não é, na verdade estamos tentando estabelecer a identidade das coisas, das pessoas. Logo, a identidade, como foi ressaltado anteriormente, é uma contraposição a diferença mencionada por Deleuze; a identidade é a maneira que nós procuramos nos definir, definir as coisas, e tudo que existe no mundo, sempre classificando, categorizando, permanecendo sempre as mesmas, engessadas, não dando espaço para a mudança, para o devir, para o movimento:

[...] A diferença pura, como expressão do próprio *ser*, revela-se inacessível à representação que tende a subordinar todos os seres a um único fundamento e tende, sobretudo, a reduzir a diferença pura a manifestações empíricas. Mas a diferença está no âmago do próprio *ser*. O *ser* não pode se dizer de outra maneira, uma vez que *existir* é já *diferenciar-se*. Trata-se de entender a diferença como um desdobramento do próprio *ser* - que se diz assim em todas as suas relações. O *ser* não se apresenta, não se efetua fora dessas relações diferenciais. Ele emerge do caos como uma virtualidade que produz a diferença, já que o caos puro, o devir-louco é o lugar da indiferença mais absoluta. (SCHÖPKE, 2004, p. 155-6)

A diferença que não é pensada por ela mesma, mas sempre em re-

lação de oposição, que pega um ponto como referência e pensa no que difere, então será sempre uma diferença a partir do que é igual, do que é idêntico, do que é semelhante, esse modelo privilegia a identidade, a essência. Devido a isso, Deleuze propõe um novo entendimento, uma nova forma para a diferença, emergindo agora um mundo de movimento, de transformação, um mundo de devir. Na diferença deleuziana o que é constante são as mudanças e o movimento dos seres e das coisas; as coisas não são estáveis, por isso estão em constante transformação.

Nessa perspectiva, “o Ser se constitui enquanto diferença, mas é dito em um só sentido, em uma só voz” (MIRANDA, 2010, p. 259). O ser se constitui enquanto diferença, mesmo ele sendo unívoco, temos uma relação ao mesmo tempo e sem hierarquia de um ser unívoco e a multiplicidade das coisas. Seguindo por esse caminho,

A univocidade do ser significa que ele é Voz, que ele se diz em um só e mesmo “sentido” de tudo aquilo que se diz. Aquilo que se diz não é, em absoluto, o mesmo. Mas ele é o mesmo para tudo aquilo de que se diz. Ele ocorre, pois, como um acontecimento único para tudo o que ocorre às coisas mais diversas, *Eventum tantum* [...], a afirmação do acaso em uma vez, o único lançar para todos os lances, uma só insistência para tudo o que existe, um só fantasma para todos os vivos, uma só voz para todo o rumor e todas as gotas do mar. [...] a univocidade remete ao mesmo tempo ao que ocorre e ao que se diz. (DELEUZE, 1974, p. 185)

Conforme o mencionado por Deleuze, a univocidade do ser não significa um só, o mesmo, mas sim, que o ser é múltiplo, é diferente, é divergente. A diferença é o acontecimento do ser, o acontecimento mais profundo, o ser é unívoco, tem a diferença em si, ele não é a diferença, logo ele se expressa na multiplicidade. Schöpke (2004) menciona que o ser é unívoco e não ‘equivoco’, pois um ser equivoco é dito em muitos sentidos, se diz de muitas maneiras, é particular, esses sentidos e maneiras são análogas, apresentando um sentido primeiro e os outros derivam dele. Desse modo, Schöpke (2004) ainda ressalta que

Em Deleuze, a univocidade não significa que só há um único e mesmo *ser* para todas as coisas. Ao contrário, os seres são múltiplos e diferentes, ‘sempre produzidos por uma síntese disjuntiva, eles próprios disjuntos e divergentes’. Univocidade, em Deleuze, significa que todos os *seres* se dizem de uma mesma maneira e num único *sentido*. Uma só “voz” para todos os seres – afirma Deleuze. E uma só voz que diz *não* à identidade enquanto afirma a diferença e o devir. (SCHÖPKE, 2004, p. 153)

Um ser unívoco é um ser que se diz na multiplicidade e na diferença, se diz em uma só voz. Ademais, é importante lembrar que apesar de serem vários sentidos distintos eles reportam ao ser como a um só, on-

tologicamente uno.

Deleuze (1988, p. 45) menciona que “o essencial na univocidade não é que o Ser se diga num único sentido. É que ele se diga num único sentido *de* todas as suas diferenças individuantes ou modalidades intrínsecas”. Com isso, as modalidades não são as mesmas para o ser, não são iguais, não tem o mesmo sentido, mas o ser é o mesmo para todas essas modalidades, é igual, se diz em um só sentido; O ser unívoco se refere a diferenças individuantes, ele se diz da própria diferença.

O eterno retorno proposto por Nietzsche não é o retorno do idêntico, é o retorno do ser do devir, é retornar à identidade como potência, identidade da diferença. É pensar o mesmo a partir do diferente, esse ato de pensar consiste em uma seleção das diferenças conforme sua capacidade de produzir, de retornar. Deleuze (1988, p. 50) menciona que

[...] só as formas extremas retornam aquelas que, pequenas ou grandes, se desenrolam no limite e vão até o extremo da potência, transformando-se e passando umas nas outras. Só retorna o que é extremo, excessivo, o que passa no outro e se torna idêntico. (DELEUZE, (1988, p. 50)

O retornar é a expressão do ser em todas as metamorfoses, quando “tudo o que é extremo, tornando-se o mesmo, entra em comunicação num Ser igual e comum que determina o retorno” (DELEUZE, 1988, p. 50). Assim, o eterno retorno é a univocidade do ser, a efetivação do unívoco, é o ser dito num mesmo sentido, no mesmo sentido do retorno, como um retorno ou uma repetição daquilo de que ele se diz. Com isso, “a roda no eterno retorno é, ao mesmo tempo, produção da repetição a partir da diferença e seleção da diferença a partir da repetição” (DELEUZE, 1988, p. 51). Embora uma coisa se repita, ela o faz de uma maneira diferencial, nunca será uma repetição do mesmo, quando nós percebemos que estamos sempre em processo de transformação, de movimento, o que permanece é a diferença que é movimento, que é mutação.

O *ser* emerge do caos, se desprende do fundo, ele é ao mesmo tempo devir e regularidade, quando se efetua é virtualidade e atualidade.

Ainda, “das inúmeras características que possui, a filosofia da diferença se destaca por ser uma disciplina rigorosa que provoca a invenção de conceitos” (AGUIRRE; MONTEIRO, 2017, p. 3). Essa invenção de conceitos é construída através de processos, traçando conexões, devir conexão. Logo, essa filosofia da diferença valoriza a multiplicidade do pensamento, o diferente, o devir. É preciso compreender essa diferença como processo, como processo de

diferenciação.

Aprender é um ato inventivo, criativo, novo, um devir em ritorneo; então, aprender vai em contramão ao reproduzir, ao repetir, ao apenas polir uma pedra já existente, aprender é devir, é criar. Com isso,

O aprender ocupa, na filosofia de Gilles Deleuze, um lugar de destaque por constituir um ato de experimentação, de criação, um agenciamento que diz respeito às condições de possibilidade do próprio pensamento: formação da ideia, formulação do problema que faz com que o aprender vá além do saber, esposando a vida toda, inteira, em seu curso apaixonado e imprevisível. (AGUIRRE; MONTEIRO, 2017, p. 8)

Aprender por um viés deleuziano é também um questionamento das potências do pensamento, ou seja, as potências da experimentação, pois pensar é experimentar, e pela experimentação que trazemos o novo, criamos. O pensamento enclausurado não cria o novo, não faz agenciamentos, não cria devires, não tem infinitas possibilidades. Ora,

Antes de tudo, será preciso adentrar e dispensar atenção aos encontros, pois a herança do pensamento, longe de dar uma descrição dos fatos como eles são no mundo, são signos que podem ser encontrados, decifrados, sugerindo novos encaminhamentos, ou seja, problematizados para salvaguardar a vida e o pensamento onde este se encontra, engendrando-lhe novos movimentos. (GRISOTTO, 2012, p. 182)

Os signos são encontros, estão no pensamento, mas no pensar filosófico, um pensar de abertura, e não em um pensamento tradicional, fechado, se assim estão no pensamento podem sugerir o novo, novos movimentos, novos encaminhamentos, o devir-transformar. Como, “no processo da aprendizagem em filosofia, cujo material de manuseio é o legado do pensamento, o que se espera de todo aprendiz é que intervenha por meio da criação” (GRISOTTO, 2012, p. 185). Por isso, é necessário compor com as obras e não impor, é preciso se deixar afetar para depois construir, criar conceitos a partir disso. Temos, Grisotto (2012) que ainda menciona,

[...] mais do que se servir de um conteúdo e se submeter à sua forma e significado, parece mais notável em filosofia a iniciativa da sua transformação, em que aquele que aprende, num mesmo golpe de apreciação e criação, produz o novo em meio ao que lhe solicitam a adaptação e a reflexão em si mesmas. (GRISOTTO, 2012, p. 185)

Assim, o novo, o inesperado surge para o professor e para seu aluno quando saem da objetividade, dando lugar às relações, aos agenciamentos, aos encontros entre as pessoas e o conhecimento, mergulhando no subjetivo, quebrando as formas padrões de pensar, criando, trazendo

autoria e inventividade para a aprendizagem.

Um livro, uma obra, um estudo, de acordo com o pensamento deleuziano, não tem que ser interpretada, compreendida, mas precisa ser sentida, ser envolvida, como uma melodia de uma música, uma recitação de um poema, em que você se deixa ser afetado. Dessa maneira,

Nunca teremos total consciência do que ensinamos e nem do que aprendemos, pois até mesmo aquilo que ignoramos pode afetar o outro com quem nos relacionamos de modo que o faça pensar, articular, conectar os signos e, por um caminho rizomático e imprevisível, aprender. Nessa ótica, não há razões para hierarquizar as inteligências, como se o ensinante tivesse um conhecimento mais apurado e verdadeiro do que o conhecimento do aprendente. (LANUTI; MANTOAN, 2018, p. 125)

Os autores continuam a mencionar que “a aprendizagem, nesse sentido, é concebida como um processo absolutamente livre, imprevisível, realizada por *perceptose affectose* não pela assimilação do que fora explicado” (LANUTI; MANTOAN, 2018, p. 126). Assim, a aprendizagem não é assimilação, e sim as sensações, as forças, os fluxos, é você ser afetado e afetar pelo encontro das sensações, sensações essas não simbolizadas, é um ato pessoal, subjetivo, criativo. Desse modo,

O ‘sujeito que sabe’ é aquele que desenvolveu a habilidade de assimilar e reproduzir corretamente o que lhe foi transmitido, que buscou e busca descobrir aquilo que já existe - o hipotético verdadeiro conhecimento. A Filosofia da Diferença é dedicada justamente à reversão desse pensamento e, portanto, não está relacionada a algum tipo de analítica da verdade - tendências filosóficas que se dedicaram ao alcance do entendimento generalizante, global. (LANUTI; MANTOAN, 2018, p. 126)

O sujeito que aprende busca criar, experienciar, ser afetado em certo momento, quando o aprendiz se permite ser afetado, o seu ser será modificado, passará por uma desterritorialização através da criação, de voos. Portanto, Deleuze não abandona o recognitivo, mas propõe sair dessa linha reta, e construir curvas, caminhos tortuosos, propõe um pensamento novo, um pensamento criativo. Prosseguindo, traçaremos agora, um breve percurso pela literatura infantil.

3. *Um breve percurso pela literatura infantil*

A literatura pela literatura é arte, se movimenta para o criativo, criando linhas que se cruzam entre o mundo, o imaginário, os seres e as coisas, para isso se utiliza a palavra, o signo para traçar e engendrar caminhos. Nesse viés, Gavazza (2009, p. 25) menciona que,

A literatura é uma arte que utiliza as palavras como objeto estético. Entretanto, a palavra, na literatura, precisa ser recriada, e torna-se utensílio de comunicação entre ideias e pensamentos, ou seja, o escritor utiliza a palavra como instrumento estético para transpor suas ideias e ela é recriada pelo leitor, que dá sentido ao que foi lido. (GAVAZZA, 2009, p. 25)

A autora menciona que a palavra na literatura deve ser recriada para assim se tornar instrumento de comunicação entre as ideias e os pensamentos. Mas, talvez seja mais interessante pensarmos a palavra na literatura como devir criativo, possibilidade do novo, pois se eu apenas recrio não estou possibilitando o novo, o criar. Além disso, o escritor se utiliza dos signos para criar seus textos, transpor seus afetos, com isso, o leitor ao ser afetado por esse texto dará sentido ao que foi escrito e é nesse encontro que o signo se abre às significações. A autora ainda menciona que

[...] é por força dessa dimensão conotativa que a obra literária gera múltiplas atribuições de sentidos. Ou seja, a linguagem literária passa a ter uma multissignificação, ao signo linguístico é atribuída múltiplas dimensões semânticas. (GAVAZZA, 2009, p. 27)

Assim, os textos literários são compostos por signos que se conectam com outros signos presentes na literatura, nos seres, no mundo, podendo possibilitar experimentações, agenciamentos e encontros entre esses universos das coisas, dos seres, e do mundo.

Os contos de fadas, como mencionam Mateus e Oliveira (2020), passaram com o avanço das ciências e avanços tecnológicos a serem substituídos pelas literaturas infantis. Mateus e Oliveira (2020) ainda afirmam que as literaturas antes voltadas para adultos, era também utilizada com as crianças tendo o objetivo de educar, disciplinar, tanto na vida social, quanto na religiosa. Diante disso, Zilberman (2005) menciona que o surgimento dos primeiros livros brasileiros destinados ao público infantil só ocorreu no final do século XIX.

Zilberman (2005, p. 10-11) ainda acrescenta que os livros presentes em sua maioria na “(...) primeira década e meia de vida de cada um são chamados de literatura infantil. Poder-se-iam definir os livros para crianças por essa característica: são os que ouvimos ou lemos antes de chegar à idade adulta”. Como a autora enfatiza, não significa que essas leituras se restrinjam apenas à infância, se os livros que lemos tiverem nos afetado, criando encontros, nós retornaremos a eles na vida adulta.

Oliveira (2009, p. 19) também ressalta que “a Literatura voltada especificamente ao público infantil surgiu quando a criança passou a ser

considerada como um ser diferente do adulto”. Dessa forma, as crianças tiveram obras literárias destinadas a elas posteriormente, e essa seleção, especificação para esse público infantil também gera alguns questionamentos, que no momento não será do nosso interesse levá-los.

Ainda, “é consenso que a leitura de literatura infantil estimula a criatividade e desenvolve o senso crítico da criança” (OLIVEIRA, 2009, p. 24). Logo, a literatura movimenta para o afeto, a criatividade, a possibilidade de pensar o estético, o imaginativo, para isso, pode-se brincar com a significação traçando linhas com os aspectos que o texto apresenta, relacionando com o mundo, com o imaginário, com a vivência, se permitindo criar a partir do texto:

[...] a literatura, tanto infantil quanto adulta, permite ao leitor experimentar sensações que podem ser similares ou distintas daquelas que vivencia no mundo real e, ao encarar tais sensações, pode dialogar com o texto, refletindo sobre as ações e fatos ali contidos, concordando, discordando, recriando. (OLIVEIRA, 2009, p. 27)

O ato de ler é permitir ser afetado, mas também é afetar, é engendrar caminhos de signos, é gerar encontros, agenciamentos, é potência.

A literatura pode proporcionar agenciamentos coletivos, trazendo a pluralidade da fala, a multiplicidade, sendo capaz de transformar, de desterritorializar, da diferença, se desvencilhando das identidades, essências fixadas. Há apenas agenciamentos, agenciamentos coletivos, agenciamentos coletivos de enunciação.

Nesse viés, “desde Espinosa, passando por Nietzsche e chegando a Deleuze e Guattari, os encontros são afirmados como necessários, como imprescindíveis, para a fluência das linguagens e dos signos” (OLIVEIRA; COSTA, 2018, p. 1925). Por conseguinte, se nós falamos em língua, linguagens, signos, precisamos levar em conta os encontros, os agenciamentos, pois, nós afetamos e somos afetados, aprendemos, nos desterritorializamos através dos encontros, das linhas curvas que são emaranhadas no decorrer dos encontros, quando somos atravessados.

Oliveira e Costa, (2018, p. 1927) ressaltam que é do “caos de onde o poeta faz surgir suas sensações, seus perceptos e afetos”, sendo assim é o caos que gera o movimento para o criativo.

Quando falamos de formação leitora “(...), é de suma importância o uso de literatura de fantasias, principalmente, o modo criativo como as histórias são transmitidas, incentivando à curiosidade e o interesse de cada um” (MATEUS; OLIVEIRA, 2020, p. 2537). Por isso, a necessidade

de utilizar a literatura pela literatura na formação leitora, onde a criança/ o leitor, possa vivenciar a história, sem de antemão ser instruído, orientado a interpretar, a buscar respostas prontas, pois

[...] todo texto ficcional mostra um olhar definido da vida e, por esse motivo, ele nos atinge bem próximo. No entanto, a maior dificuldade na construção de uma narrativa cujo universo ficcional é imaginário é ter uma divergência que defenda a construção desse universo, uma divergência que seja otimizada pelo universo, e que não o enfraqueça. (MATEUS; OLIVEIRA, 2020, p. 2537)

Diante do mencionado pelas autoras, o texto ficcional por traçar linhas com a realidade, gera no leitor um afeto devido ele se encontrar ou encontrar traços da sua realidade nos textos, tudo está interligado, conectado.

Deleuze e Guattari (2003, p. 40) ressaltam que “é a literatura que se encontra carregada positivamente desse papel e dessa função de enunciação colectiva e mesmo revolucionária: a literatura é que produz uma solidariedade”. Não pensamos em um sujeito da enunciação, nem um sujeito do enunciado, porque não há sujeitos, identidades, o que temos são agenciamentos, agenciamentos coletivos de enunciação, a literatura é agenciamento, encontro, possibilita devires. Dessa maneira, Deleuze e Guattari mencionam uma literatura menor e Aguirre e Monteiro (2017) relatam entender que a

[...] literatura menor caracteriza-se pela desterritorialização da língua, subvertendo a realidade, desintegrando o real, arrancando do território, da tradição da cultura, fazendo com que as raízes aflorem e flutuem, escapando da territorialidade forçada, remetendo a buscas, a novos encontros, a novas fugas, a novos agenciamentos: um grande desafio ao sistema instituído. (AGUIRRE; MONTEIRO, 2017, p. 4)

A literatura menor vai contra os mecanismos de controle das políticas impostas. Com isso, “(...) as três características da literatura menor são a desterritorialização da língua, a ligação do individual com o imediato político, o agenciamento coletivo de enunciação” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 41). Então, a literatura menor, a educação menor, a busca são por agenciamentos coletivos, acionando vários indivíduos.

O agenciamento é em si próprio agenciamento de enunciação e possibilita definir a natureza e a função dos enunciados, não tem um sujeito determinado, pois os enunciados são engrenagens do agenciamento, não são nem efeitos e nem produtos; A literatura possibilita agenciamentos. A seguir, daremos continuidade com a semântica: traçando linhas.

4. Semântica: traçando linhas

A Semântica se propõe a trabalhar a significação, o sentido das palavras, se eu estou falando de semântica também estou falando de sentido, de significação. As palavras, as frases, o texto, o ser, tudo significa; através de um ponto de sentido vai traçando novos pontos de sentidos, traçando, emaranhando, experimentando, criando, construindo caminhos que se relacionem, se encontrem, se agenciem. A definição de Semântica também é mencionada por Guiraud (1960), para o autor, essa palavra vem do

[...] grego *Semaino*, 'significa' (por sua vez, do *sema* 'signo'), era originalmente o adjetivo correspondente a 'sentido'. Uma mudança semântica é uma mudança de sentido, o valor semântico de uma palavra é o seu sentido¹³³. (GUIRAUD, 1960, p. 10) (tradução nossa)

Conforme mencionado pelo autor temos: Semântica = algo que significa = signo = significante, significado, significação. O autor, ainda, enfatiza que “é semântico tudo o que se refere ao significado de um signo de comunicação, particularmente as palavras”¹³⁴. Toda vez que se fala de significação, sentido e signo trata-se de/da Semântica, então, poderíamos também pensar que semântica é deixar atravessar-se pelo signo, pelo ato de significar.

E, continua afirmando que “a semântica é o estudo das palavras: a linguagem é um meio de comunicação; a língua é o instrumento que usamos para transmitir nossas ideias”¹³⁵ (GUIRAUD, 1960, p. 12 – tradução nossa). Essa ciência estuda o que se refere ao sentido, ao estudo da palavra, da comunicação, do discurso.

De acordo com Oliveira e Martins (2014, p. 406), “a palavra semântica é de origem grega *Semantiké*, pois foram os filósofos gregos primeiros a tratar do estudo do significado, em uma abordagem filosófica”. Esses filósofos gregos iniciaram o estudo com a Semântica para tentar compreender a natureza humana, a linguagem e o mundo.

¹³³ “El vocablo semántico, del griego *semaino*, "significar" (a su vez de *se-ma*, "signo"), era originalmente el adjetivo correspondiente a "sentido". Un cambio semántico es un cambio de sentido, el valor semántico de una palabra es su sentido" (GUIRAUD, 1960, p. 10).

¹³⁴ “Es semântico todo lo que refiere al sentido de un signo de comunicación, particularmente las palabras” (GUIRAUD, 1960, p. 10).

¹³⁵ “la semántica es el estudio de las palabras: el lenguaje es un medio de comunicación; la lengua es el instrumento de que nos valemos para transmitir nuestras ideas” (GUIRAUD, 1960, p. 12).

Porém, no que concerne ao campo da linguística, foi Bréal (1832-1915) que iniciou os estudos da semântica, dando foco ao estudo do corpo e da forma das palavras, “(...) tentando criar um termo que pudesse ligar a fonética e a morfologia, tomando emprestado o procedimento de uma análise explicativa de diversos campos da linguística – fonética histórica, fonologia e sintaxe” (OLIVEIRA; MARTINS, 2014, p. 406). Desde então, essa ciência vem trazendo as diversas abordagens dos fenômenos linguísticos, tornando-se essencial e indispensável para o estudo da língua portuguesa.

Temos uma definição deleuziana para significante e significado:

Chamamos de ‘significante’ todo signo enquanto apresenta em si mesmo um aspecto qualquer do sentido; ‘significado’, ao contrário, o que serve de correlativo a este aspecto do sentido, isto é, o que se define em dualidade relativa com este aspecto. O que é significado não é, por conseguinte, nunca o próprio sentido. O que é significado, numa acepção restrita, é o conceito; e, em uma acepção larga, é cada coisa que pode ser definida pela distinção que tal ou qual aspecto do sentido mantém com ela. (DELEUZE, 1974, p. 40)

Conforme mencionado pelo autor, o significante é a expressão; o significado é o conceito, o conteúdo, é a designação, a manifestação, a significação, já, o sentido não existe fora da expressão, do significante.

A comunicação, em um viés deleuziano, está sempre associada a noção de signo como mencionam Silva, Araujo e Pereira “(...) é o signo que propicia a comunicação, e a comunicação é justamente o modo como se produzem os encontros entre os divergentes, sendo o signo o seu resultado” (SILVA; ARAUJO; PEREIRA, 2020, p. 98-99). Assim, o signo nos leva ao ato de pensar, nos leva ao encontro. Silva, Araujo e Pereira (2020, p. 101) ainda ressaltam “(...) que o signo é o que assegura a comunicação, ainda que seu caráter seja curioso: é justamente naquilo que é disparatado, diferente, dissimétrico que ocorre a comunicação”. Por isso, o signo é ao mesmo tempo o conflito do encontro entre divergentes, e a pacificação, consistência. Nessa perspectiva,

Essa relação entre os diferentes, essa conexão entre o atualizado e sua potência virtual de vir a ser outra coisa (devir outro) a partir do contágio com uma exterioridade, é o que Deleuze irá tratar por comunicação, tendo o signo como elemento central e organizador. (SILVA; ARAUJO; PEREIRA, 2020, p. 102)

O signo é signo de outro, se refere ao outro, devem-outro. Diante disso, o sentido é divergência, discordância, problema, seguindo esse pensamento deleuziano, todo signo é produto de divergência. Com isso,

“(…) o sentido é extra-ser, ele não é ser, mas um *aliquid* que convém ao não-ser” (DELEUZE, 1974, p. 34). O sentido não existe, mas subsiste na proposição. Por conseguinte, o agenciamento é feito por encontros, o signo é formado pelo significante e pelo significado, a expressão e o conteúdo, e precisam criar agenciamento, encontros, devires.

A informação só pode se tornar significativa no coletivo, em uma linha simondoniana, a significação está entre os seres, está através dos seres, ela é a teia da diferença, a enunciação é agenciamento coletivo.

Lanuti e Mantoan (2018, p. 125) entendem o signo em uma perspectiva deleuziana, sendo “o signo como o objeto de um encontro que nos força a pensar, ou seja, são corpos com sentidos, que nos provocam e nos levam a criar modos de existência para lidar com os problemas que eles trazem”. Nesse sentido, o signo gera encontros, devêm o pensar, o criar saídas para problemas, resultando em um processo de aprendizagem, corpos com sentido:

Como se fossem dois lados do espelho, onde o que está de um lado não é igual ao que está do outro. Deleuze cita Lewis Carroll e o exemplo dos espelhos para mostrar que existe, de um lado, um campo de designações (dos objetos, portanto) e, de outro, um campo puramente expressivo (o campo dos sentidos). ‘Passar para o outro lado do espelho’ é, portanto, sair da designação e mergulhar nos acontecimentos puros. (SCHÖPKE, 2004, p. 157)

Assim, o ser como acontecimento puro só existe no lado expressivo, no lado dos sentidos, no campo de corpos com sentidos, logo, precisamos nos desvencilhar da prisão as referências, ao estático, pois, os sentidos são acontecimentos puros, são movimentos, são um devir-significar. Passaremos agora à história da autora Ana Maria Machado, Beto, o carneiro: um corpo de sentidos.

5. “Beto, o carneiro”: um corpo de sentidos

A história de “Beto, o carneiro” foi a obra escolhida, de Ana Maria Machado (2006), um corpo de sentidos para iniciarmos um voo principiante, flanarmos, traçarmos algumas experimentações, na tentativa de desenharmos curvas, e percorrermos caminhos sinuosos.

Essa história faz parte da coleção ‘os batutinhas’, de Ana Maria Machado (2006). Sendo assim, esse corpo de sentidos é a história de um carneiro chamado Beto que estava “cansado de carneirice”, “cansado de fazer tudo que seu mestre mandava” e reclamava de tudo, estava traçando uma linha de fuga, uma potência para a desterritorialização. Assim, um

dia quando o pastor chamou Beto para cortar os cabelos, ele logo protestava: “não quero cortar cabelo nenhum. Careca não está na moda. Vou embora e vou ficar cabeludo como quiser.” Assim, percebe-se um movimento, ele quer fugir da identidade, da essência, indo em busca da diferença, do metamorfosear-se, pois, ele não tenta se enquadrar em pressupostos morais e racionalistas.

Beto traça uma linha de fuga e vai se desterritorializando em nuvem, “oba, nuvem é uma coisa boa para ser. Para um carneiro esperto como eu, não é difícil ser branco e macio, nem ficar para lá e para cá. Está resolvido: vou virar nuvem”. Ele se diferencia em nuvem, uma nuvem chamada Bebeta, se divertiu, viu várias coisas que só poderiam ser vistas do céu, porém ele cansou de devir-nuvem, “não gostava de ser mandado por ninguém”.

Então, Beto vai se diferenciar mais uma vez, porque a diferença é movimento constante, Beto agora devém espuma, pois pensou: “oba, espuma é uma coisa boa para ser. Para um carneiro esperto como eu, não é difícil ser branco e levinho, nem boiar para lá e para cá. Está resolvido: vou virar espuma”. Ele já tinha se casado de ser nuvem, de já ter se territorializado, então, precisa devir-espuma, com isso, conseguiu experienciar, vivenciar, contemplar aspectos, coisas e sentimentos que antes não conseguia. No entanto, um dia ele disse:

- Dona Onda, quero ir à praia, brincar na areia.
 - Não senhor, agora não. Só na maré cheia.
 - Deixa de onda, dona Onda...
- Mas não adiantou e ele também se cansou.

Ele cansado de devir-espuma, quer passar por novos processos de diferenciação, agora ele vai em busca de novos afetos, Beбето quer afetar e ser afetado pelo encontro com a praia. Mas, chegando lá ouviu um barulho, era um choro, ele olhou para ver de onde vinha e viu uma ovelha negra que chorava por ninguém gostar dela, Beбето naquele momento foi afetado pela ovelhinha e percebeu que precisava voltar a devir-ovelha. Quando ele retorna a devir-ovelha não é um retorno ao mesmo, mas um retorno diferencial.

Nesse sentido, se aproximando da ovelhinha disse: “Bom dia, carneirinha! Eu quero ser seu amigo. Meu nome é Beбето”, e a ovelhinha se apresentou como Mémelia, ali os dois começaram a brincar, conversar, se divertir,

Correram, pularam, deram cambalhotas.

Cantaram e dançaram:
Carneirinho, carneirão, neirão, neirão...
Olhai pro céu, olhai pro chão, pro chão, pro chão...
Cataram conchinhas, fizeram castelos de areia.
E ficaram muito amigos e felizes.

Criaram afetos, agenciamentos, viajaram pelo mundo, tocavam, cantavam, viviam felizes com suas escolhas sem se prender a pressupostos ideais, a identidades, viviam a diferença, com suas roupas e colares sempre muito coloridos. Se casaram e tiveram vários carneirinhos “...pretos, brancos e malhados. Todos levados, alegres e brincalhões”.

O que Beбето vivia a procurar não era outra identidade, mas sim a diferença, a mudança, o devir. Em uma perspectiva deleuziana, nós somos seres que vivemos no tempo e acompanhamos as mudanças com o tempo, logo o que permanece são as mudanças na existência. E, essas mudanças na existência é que possuem um caráter na diferença, um caráter diferencial, e essa semelhança que existe entre o eu do passado e esse eu do presente, não vai necessariamente estabelecer minha identidade, a minha essência, mas o que é garantido é a diferença, a transformação, o devir quando me comparo ao que era no passado.

Beto é devir, devir-ovelha, devir-nuvem, devir-espuma, devir-amigo, devir-cantor, devir-pai, devir-marido.

A história de Beto, o carneiro, é um brincar com os signos, um corpo de sentidos, que o aluno/ leitor tendo a liberdade de vivenciar a leitura pela leitura, vai conseguir se deliciar em meio aos signos que nos levam a construir os sentidos múltiplos do texto. Podem até perceber a mudança do nome do carneiro durante a narrativa, cujo começa com Beto, o carneiro, depois se diferencia em Beto um carneiro resmungão, depois em Beto, até chegarmos em Beбето, o que levaríamos a pensar que corresponde com os processos de diferenciação vividos por Beto. Inclusive, ele passa até a ser uma persona e deixa de ser um carneiro, e são os signos que contribuem para essa personificação.

Diante disso, os processos de assimilação das semelhanças do pelo do carneiro com a nuvem, a espuma, podem também levar o imaginário do leitor a procurar signos que possam dar sequência ou se diferenciarem da pelagem dele, e assim, pensarem em novas possibilidades de diferenciação para Beбето. Também, poderiam pensar, o leitor, nas mudanças de significação ocorridas devido às diferenciações de Beto em nuvem, em carneiro, em espuma, em pai. E, poderiam trocar algumas palavras do texto por palavras de seu uso corriqueiro e verificar as mudanças

de sentidos que iriam ocorrer no texto, criar uma história a partir de seu vocabulário.

Os signos proporcionam a criação, o brincar, o testar, o se divertir com os textos, então, ao vivenciarem essa leitura poderiam criar outras histórias, compreender as trocas dos signos; se eu troco um signo por outro terei o mesmo sentido? A mesma significação? Será alterado totalmente? Terá sentidos próximos? Se divertir construindo e aprendendo, pelo ato de ser afetado pelo texto.

A narrativa apresenta a multiplicidade dos sentidos do texto, o leitor, os alunos podem atribuir sentidos diferentes à leitura do texto, e assim vivenciar a literatura, a arte, o signo, o sentido, a imagem...

Portanto, iremos agora traçar algumas considerações flanáveis, nunca finais, pois pensamos ser apenas o início de uma teia, tendo a possibilidade de novas teias surgirem e novos voos serem alçados.

6. Considerações flanáveis

As considerações são flanáveis, devido não considerarmos que sejam considerações finais, prontas, acabadas, mas que são considerações em movimento, possibilitando retornos, diferenciações, construções.

Cada aluno/ leitor com suas experiências de mundo, com sua bagagem de conhecimento conseguem construir os significados para o texto, por meio de relações entre o mundo real, o imaginário, o social e suas vivências.

A literatura infantil é arte, é fenômeno criativo, é corpo com sentidos, campo de significações, diferenciação, possibilitando encontros com o mundo, com o homem, e com a vida. A história de Beto, o carneiro de Ana Maria Machado é esse campo de significações, de sentidos, também sugere a multiplicidade, a diferenciação, nos mostrando que Beto emergiu do caos e significou, des significou, transsignificou.

Desse modo, percebemos que a leitura de forma criativa, motivando a curiosidade, o desejo, o afeto de cada leitor, rompe horizontes, rasga e faz emergir o novo. Com isso, através do poder significativo da palavra, dos sentidos do signo esse romper, rasgar os horizontes pode ser feito várias vezes pelo mesmo leitor diante do texto. Portanto, o pensamento não serve apenas para reconhecer, delimitar, classificar as coisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIRRE, Elisabet; MONTEIRO, Silas Borges. A filosofia da diferença: reterritorializando alguns conceitos deleuzianos no campo da educação. *Revista Educação e (Trans)formação*, v. 02, n. 02, p. 1-13 Garanhuns, jul. 2017 / dez. 2017. Disponível em: <http://www.journals.ufrpe.br/index.php/educacaoetransformacao/index>.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Trad. de Luiz Roberto Salinas. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. *Diferença e repetição*. Trad. de Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____; GUATTARI, Félix. *KAFKA – Para uma literatura menor*. Trad. e pref. de Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

GAVAZZA, Jeane Santos. *As palavras, as palavrinhas e os palavrões na obra de Ana Maria Machado*. Monografia. Curso de Pedagogia. Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, p. 56, 2009.

GRISOTTO, Américo. Filosofia da diferença: apontamentos em torno da aprendizagem do pensamento em filosofia. *ETD – Educ. Tem. Dig.*, v. 14, n. 1, p. 179-98, Campinas, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://pe.riodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1246/pdf>.

GUIRAUD, Pierre. *La Semántica*. Trad. de Juan A. Harsler. México: Fondo de Cultura Económica, 1960.

LANUTI, Jose Eduardo de Oliveira Evangelista; MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Ressignificar o Ensino e a Aprendizagem a partir da Filosofia da Diferença. *Polyphōnia. Revista de Educación Inclusiva*, v. 2, n. 1, p. 119-29, 2018. Disponível em: <https://www.academica.org/polyphonia.revista.de.educacion.inclusiva/24.pdf>.

MACHADO, Ana Maria. *Beto, o carneiro*. São Paulo: Moderna, 2006. (Coleção Batutinha)

MATEUS, Andrea Martins Lameirão; OLIVEIRA, Ana Carolina Alves de Lima. O texto ficcional e os mundos imaginários. *Revista Philologus*, Ano 26, n. 78 Supl., p. 2527-39, Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez., 2020. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/230/251>.

MIRANDA, Wandefilson Silva de. A filosofia da diferença em Deleuze e Heidegger. *Revista Ítaca*, n. 15, p. 250-271, 2010. Disponível em:

<https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/265/247>.

OLIVEIRA, Luiz Roberto Peel Furtado de; COSTA, Priscila Venâncio. Transpoesia: o poema como rizoma. *Revista Philologus*, Ano 24, n. 72, p. 1925-34. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez., 2018. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO24/72supl/161.pdf>.

OLIVEIRA, Rainya Carvalho de; MARTINS, Luzineth Rodrigues. A semântica e seus limites de abordagem no livro didático. *Revista Philolqus*, Ano 20, n. 60, p. 405-15 Supl. 1: Anais da IX JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez., 2014. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/60sup/033.pdf>.

OLIVEIRA, Rita de Cássia. *Relevância e compreensão na literatura infantil*: Uma análise na interface semântica/pragmática. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. 154p.

SCHÓPKE, Regina. *Por uma filosofia da diferença*: Gilles Deleuze, o pensador nômade. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Edusp, 2004.

SILVA, Alexandre Rocha da; ARAUJO, André Corrêa da Silva de; PEREIRA, Demétrio Rocha. A comunicação como semiogênese: do díspar ao signo. *Revista Trilhos*. v. 1, n. 1. Out. 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/217218/001121121.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.